

Don Quixote

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini
109 Ruado Ouvidor



D. Quixote Spiritu. — Assobrados com tanta chuva, e receiando novo diluvio
invocâmos o espirito de Noé, para ajudar-nos a construir uma arca para nós e os
nossos assignantes quites (sem attusão a bicharia)
O espirito invocado apresentou-se logo e disse:— Noé podiam procurar melhor. Isto de chuva
é commigo: conheço-a por dentro e por fóra! (Enfonce Torteroli.)

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 25\$000	Anno..... 30\$000
Semestre ... 14\$000	Semestre 16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 29 DE FEVEREIRO DE 1896.

O CAMBIO

A depressão do cambio foi o facto saliente e grave da semana que passou.

O publico, alheio aos negocios da praça, estava de certo bem longe de esperar esse go'pe, exactamente quando se annunciam a boa marcha dos pleitos diplomaticos que temos com varias nações da Europa, a alta dos titulos brasileiros no mercado de Londres e a consolidação gradual da tranquillidade interna do paiz. Particularmente este ultimo symptom enchia os corações de fagueiras esperanças, deixando-nos sonhar um futuro mais proximo de ordem, de harmonia e de confraternização.

E todavia, quando o horizonte politico parecia mais claro e sereno, a Bolsa deu-nos o grito sinistro do cambio abajo de 9, tal qual aquelle servo e amigo que tinha por missão repetir ao famoso triumphador macedonio: «Lembro-te que és mortal».

Peioraram por ventura as nossas circumstancias financeiras? Estremeceu o credito por qualquer operação arriscada ou comprometedor?

Receiou-se alguma convulsão interna, ou alguma complicação grave no exterior que puzesse em risco a paz?

Nada d'isso. O cambio cahiu, porque tinha de cahir, de acordo com as leis economicas, pela regra invariavel de que as letras cambiaes, á maneira de qualquer mercadoria, encarecem quando rarejam no mercado e a procura d'ellas augmenta.

Os entendidos em negocios financeiros explicam bem o phenomeno, e são todos de parecer que não ha intervenção de governo que possa detê-lo em sua manifestação fatal.

Accusar portanto o actual ministro da fazenda de inercia e incapacidade

por este simples facto é injusto, e revela mais uma vez a parcialidade, com que um grupo de desorientados aggide sem patriotismo por todos os meios o governo do Sr. Prudente de Moraes.

Mas, si isto é verdade como a nós nos parece, tambem é certo que a tremenda baixa do cambio foi aviso salutar aos homens politicos que se acham á testa da administração da Republica. Ella significa muito claramente que paira sobre nós o perigo de uma depreciação completa da moeda brazileira, e que é mister a todo o transe que nos libertemos a pouco e pouco d'este descredito e d'esta deshonra.

Nemo repente fuit turpissimus, disse já o grande Juvenal. «Ninguem se torna infame da noite para o dia».

Causas antigas e accumuladas funestamente concorreram para esta situação deploravel em que no vemos. Os deficits successivos do Imperio, que constituiram uma das suas characteristicas mais lamentaveis, não encontraram remedio no regimen republicano inaugurado a 15 de Novembro de 1889, antes se aggravaram com uma serie de loucuras, que todos hoje reconhecem.

Si a renda publica cresceu muito, avolumaram-se ainda mais as despesas, votadas sem criterio e sob o impulso de interesses particulares. O Congresso, que devia representar o povo e consultar acima de tudo o bem geral da nação, constituiu-se camarilha de um partido que tudo affronta para agarrar-se ao poder que lhe sorri com as suas vantagens. O orçamento de 1896 foi um monstro, que elle nos legou, feito atabalhoadamente e depois que se exgotaram oito longos meses em discussões estereis e pessoaes ou em projectos de interesse local. Em uma palavra, a situação financeira é desastrada, porque de tudo se cogitou até agora, menos de fazer economias.

Pois bem. E' esse o unico remedio salutar que hoje, mais do que nunca, se impõe aos que têm a responsabilidade e a missão de dirigir os nossos destinos.

Cerre o Congresso ouvidos á grita dos interessados e corte no orçamento tudo o que fôr adiavel ou dispensavel. Reja-se a fazenda publica como se rege qualquer estabelecimento particular.

O governo, esse tem por dever imperioso dizer francamente, abertamente, a verdade inteira á nação, escancelando-lhe deante dos olhos a inopia dos recursos e o perigo da bancarrota.

Dentro de dous mezes vae abrir-se o parlamento. Será chegada a occasião de prestar o sr. dr. Prudente de Moraes ao Brasil este grande serviço: desnudar-lhe sem rebuço e sem reservas a situação real do Thesouro.

Talvez essa revelação patriotica desperte no coração empedernido dos membros do Congresso um pouco de amor sincero por este grande paiz, em que os homens são tão pequenos ao pé das opulencias da nossa natureza.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (Ouvidor 109, assignaturas 30\$000 por anno para os Estados, 25\$000 para a Capital—mas 52 numeros exactos para os assignantes) passa sem novidade em sua importante saude, graças a terem sido addiadas as grandes tempestades da semana, annunciadas pela repartição meteorologica.

* * *
Noticias de jornaes bem informados dizem que o bravo almirante Gonçalves comprou por 800:000\$000 varias fazendas em varios Estados.

Com os nossos parabens ao proximo futuro agricultor, apresentamos os nossos fervorosos votos para que seja tão feliz servindo á laboura com a industria do café, como o foi quando serviu á Legalidade com o canhão pneumático.

* * *
Gavroche, o espirituoso chronista « Ficaria satisfeito
« Se algum leitor servícal
« Lhe dissesse o que foi feito
« Do theatro municipal. »
A esta pergunta, feita pelas columnas do *Paiz*, responde o actor Martins, almoxarife, já nomeado para dirigir a citada instituição:

« Tanto eu, como o prefeito,
« Lhe damos resposta igual:
« O theatro encalhou com geito
« No finado carnaval. »

* * *
Todos os jornaes fluminenses, alarmados com a baixa do cambio, fazem notar que nem durante a revolução de Setembro, regnante a Legalidade, o perverso desceu tanto como agora.

Pudera! Com o estado de sitio, se

elle tivesse o descoco de descer... iria parar a um cubiculo da casa de Correcção: de cambio passava a preso politico.

**

Em virtude de seu excellente serviço telegraphico, sabiamente annotado, explicado e ilustrado, vai a *Noticia* ser adoptada como compendio de geographia e historia nas escolas do primeiro grau d'esta capital.

Damos esta noticia (a nossa, não a do Rochinha) com todas as reservas do estylo e da chapa.

**

Foi, por alguns cidadãos impertinentes, muito notada a ausencia do Sr. prefeito municipal na experiecia do pavimento sanitario fluminense, por ser questão de elevado interesse para os habitantes d'esta capital.

Explica-se. O Sr. Werneck, além de bom atirador, desdobra-se em emerito parteiro é profundo geometra; e n'este ultimo caracter estava ocupado em dar a ultima demão á demonstração, toda sua, de um theorema que diz: a somma dos tres angulos de um Triangulo é igual a douz angulos rectos e a uns quantos deputados incorrectos.

**

O general Weyler, commandante das tropas hespanholas, intimou os bravos revolucionarios cubanos a depõrem as armas dentro de oito dias, e declara que findo esse prazo mandará fuzilar a todos elles.

Isto é que é fallar bem, e depressa. Deante de tal intimação, terminada estará dentro de oito dias a heroica revolução de Cuba, e o general Weyler elevado... á altura de um principio.

Caramba, Sr. Weyler! Usted es un hombre!

Os reporters,

ESCENA & MONTRY.

HYPNOTISMO

Destaco, de entre os multiplos telegrammas transmittidos do Joazeiro e relativos á viagem ministerial do Sr. Dr. Antonio Olyntho, pela Bahia, o seguinte, inserto nas varias do *Jornal* e de permeio com uma resposta d'este á *Gazeta*:

«Villa Nova da Rainha, 27 de Fevereiro. A comitiva partiu ás 7 1/2 do Joazeiro... No trem o Dr. Manuel Victorino hypnotisou o Dr. Cicero Campos, que recitou um bello soneto de sua composição.»

Que bello, que bonito, e que novo!

O illustre vice-presidente da Republica, em pura viagem de recreio, e industrial, hypnotisando um passageiro e saccando-lhe lá dos imos d'alma um soneto, de sua composição,—lá d'elle passageiro ou do proprio Sr. Manuel Victorino!

Daria tudo para assistir a esta scena grandiosa. Daria a sorte dos 1.000 contos da loteria que correrá no proximo mez, o meu quinhão no céu, o *fandanguassú* do actor Leonardo, os oculos do Sr. Thomaz Delfino, um frasco do *Eu era assim*, uma das muitas creações da Sra. Bellegrandi, a herança de minha avó torta e até o futuro glorioso do futuro theatro municipal!

Dava tudo para vêr o Sr. Manuel Victorino hypnotisar o homem, fazel-o emitir sonetos pela bocca, e isto em plena viagem inaugrativa.

E depois, tenho cá o meu plano: pediria ao Sr. Victorino, que é um medico distinto, um administrador reputado, um politico de pulso, um industrial de valor, que até faz cadeiras de palhinha, um consumado orador que arrebata os auditórios,—pediria a S. Ex. que na proxima sessão legislativa hypnotisasse o Sr. Chico Glycerio, em plena discussão do orçamento, e levasse-o a cantar na tribuna a aria *Casta Diva*, da bella opera *Norma*!

Ai! que novo! que bello! e que bonito!

Palavra: não sei onde estou que não grite: A' scena c hypnotisador!

Uma idéa: e se S. Ex. hypnotisasse o cambio para subir douz degraus? Às vezes, de uma simples habilidade d'estas, para divertir companheiros de viagem, tiram-se grandes proveitos para a direcção dos destinos de um paiz...

FELIX.

DR. ROUTGEN

A descoberta dos raios X, do illustre professor allemão, traz actualmente em polvorosa os homens da sciencia, as columnas dos jornaes e os chronistas adjacentes. O acontecimento, sem duvida importante, causa um *secret opus* geral, e não serei eu quem me exhiba ao dever que me cabe, de vir a meu turno escrever duas linhas—ou mesmo duas duzias — ácerca da grande descoberta.

XX

Entre nós o nome do Dr. Routgen já é tão popular e tão conhecido como...

como o do Dr. Prudente de Moraes, por exemplo.

Falla-se nos raios X, como de cousa nossa, do pão de cada dia, do partido republicano federal, do matadouro de Santa Cruz, do jogo dos bichos ou de cousa assim.

Já nos jornaes, illustre medico explicou que os raios X, nada têm de commun com os raios cathodos—e o que eu aplaudi com entusiasmo, mesmo porque este ultimo nome é muito feio e o outro, ainda que representado pela letra do alphabeto que designa uma incognita, sempre é menos complicado e muito mais elegante.

Como se sabe, a descoberta do Dr. Routgen refere-se a uma nova luz photographica, perante a qual só dous corpos são dotados da opacidade: os metaes e os ossos.

Tudo o mais ella penetra e atravessa facilmente, como se transparentes fossem, qual o vidro, indo projectar-se no seio da terra sobre o metal alli occulto, ou no intimo do organismo humano, illuminando os ossos, despidos de musculos, nervos e cartilagens.

E tão notável é a descoberta, que já della mesma decorreu uma outra entre nós, esta feita pelo nosso espirituoso collega Gavroche, que referiu-a ao publico n'uma mimosa quadra, da sua collecção dia-ria.

Disse o poeta-chronista que a descoberta do Dr. Routgen veiu desbanhar o antigo adagio: *quem vê cura não vê coração*, naturalmente porque de ora avante, com a tal luz, ver-se-ha o que se passa no grande musculo, distribuidor do sangue...

Ora, como para a luz em questão todos os corpos são translúcidos, e ella atravessa-os todos, só indo deter-se sobre ossos ou metaes, segue-se a nova descoberta:—que o coração é composto de metal ou de osso.

E d'ahi, quem sabe?

XX

O que ha de melhor sobre o caso, porém, é o que ante-hontem publicou o *Jornal do Commercio* em sua gazetilha, e na primeira pagina.

Transcrevo-o na integra para dar ao leitor o prazer de receber de primeira mão a impressão agradavelmente surprehendente que lhe dará esse trecho altamente suggestivo e instructivo:

«O professor Kissling, de Hamburgo, obteve no laboratorio physico do Carlotemburgo resultados mais completos, que permitem esperar que nenhuma parte do corpo humano se conservará occulta.

Experiencia de um novo calcamento de asfalto, n'um trecho da rua de S. Pedro

"Don Quixote"



Dizia-se: Escorrega, não escorrega... Um piquete de cavalaria passou a passo, a trote e a galope; e igualmente carroças carregadas com café. Nenhum animal escorregou.

Muito bem! Bravo!

Magnífico! disseram todos.

N.B. Como não há regra sem exceção, assistiram à experiência o Dr. Delvecchio e o intendente Heredia.



Os mais intendentos fugiram espavoridos.
Pudera! Tratar-se de um melhoramento!
Imaginem o susto!

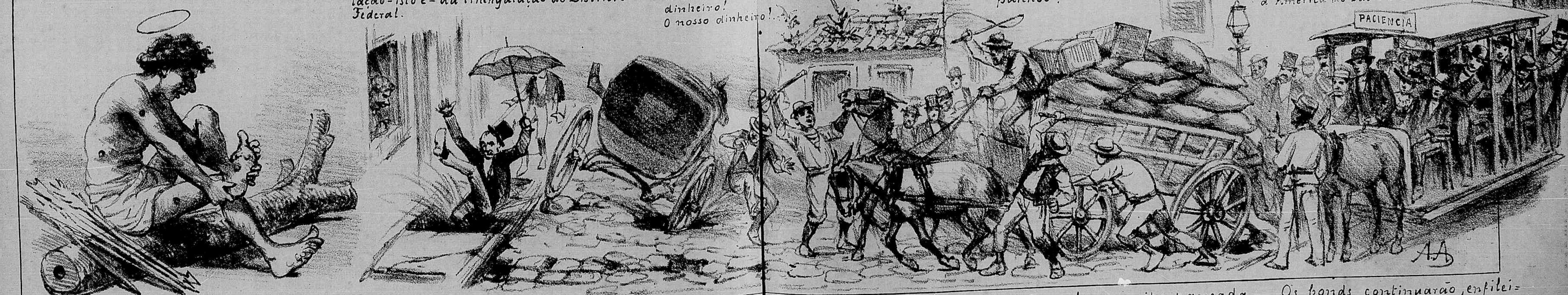
O ilustre Prefeito... Sua Exc^a
ficou em casa, tratando do importante
trabalho geometro-político da estran-
gulação - isto é - da triangulação do Distrito
Federal.

Consta que os intendentos vão reunir-se
e redigir uma representação ao governo, para
expulsar os audazes estrangeiros, que tem a
pretensão de quererem introduzir melhora-
mentos e com o atrevido desejo de ganhar
dinheiro!
O nosso dinheiro!

O caso é que o engenheiro Costa,
autor do novo calcamento, já re-
tirou a sua proposta e por-se à
panos!

Esta heroica e federal Cidade
continuará pois a ser mal calçada
e a mais suja e inimunda de toda
a América do Sul e até do Norte.

PACIENCIA



E o seu padroeiro S. Sebastião continuará a
criar bichos nos pés, graças à boa limpeza pública

Continuarão os buracos nos passeios e nas
calçadas, para maior comodidade do
público fluminense e embellecimento da cidade

Os burros continuarão a levar muita pancada,
para puxar as carroças e estas a ficarem escan-
galhadas com o nosso bello calcamento

Os bondes continuarão enfilei-
rados, a esperar horas que o
caminho fique desimpedido.

(Continua na 4^a pagina)

DON QUIXOTE

Obteve, effectivamente, o professor Kissing, photographando uma mão, a imagem muito nítida do embrião. A photographia permittia ver distintamente os membros já formados.

Safa ! Applicar os raios X a uma mão (do homem ou da mulher?) e pela photographia descobrir o feto alli gerado !

Como ? Porque ? Quando ?

Refleto sobre o caso e fico altamente intrigado...

Porque processos, por que meios pôde um individuo—ou uma individua—cahir na desgraça de conceber pela palma da mão ?! Que prodigios de habilidade, ou que circunstancia critica oppressiva, ou que necessidade absoluta, levará uma pessoa a tão horrivel conjunctura ? Depois: a concepção se fará por auto-factura ou por intermedio de uma outra pessoa ? O caso é novo ou antiquado ? E' gravemente sério ou puramente humoristico ?

Não sei. O Jornal, esse nada elucida a respeito do terrivel accidente, que vem pôr de sobreaviso a muita gente boa...

E em tal caso esperemos a palavra auctorizada de Lulú Senior, que em tempos escreveu a obra scientifica POR CONTA, de alto valor subsidiario para a completa explication do estranho facto.

Pela mão... hom'essa !

GIL.

A SEMANA

O tacto grave, escandaloso,
D'essa semana que hoje finda,
Deu-nos o Cambio — o tal manhosso,
Que veiu abaixo mais ainda.

Ha longo tempo, com fosquinhas,
Estava só chove não chove;
E a quaesquer fortes mésinhas,
Dizia só : *Commigo é 9!*

Luctas, pedidos e ameaças,
Doces affagos... tudo em vão !
« — Sobe, rapaz ! Feio não faças... »
« — Já disse: não ! Não subo, não !

E tanto foi, tão apertado,
Se viu o Cambio, alli n'um canto,
Que deu um pulo e, desastrado !
— Caiu de nove a oito e tanto !

Tudo pasmou, e pasmo eu fico !
Chamam-n'o Cambio mau e fero...
Só está contente o moço Erico :
Vai ter seu Cambio — o Cambio a zero.

Da polícia os esforços ingentes
P'ra saber quem matou Argentina,
Finalmente vingaram; e ás gentes
Mostram quem teve a arma assassina.

Pedro Gomes da Costa, ardilosso,
A polícia ajudava no empenho
De encontrar d'esse drama horroroso
O auctor — assassino de engenho.

Mas, que auxilio que dava à pesquisa !
Que viveza ! que sagacidade !
Era um homem de bem, alma lisa...
N'elle só respirava a bondade.

Homenzinho de força, finorio,
Da Luiza dizia ter dó ;
E d'est'arte — que grande vivorio ! —
Quasi embaça o doutor Carijó !

Este, entanto, mais vivo, mais fino,
A parede, sagaz, o encosta,
E descobre que o vil assassino
— Era o tal Pedro Gomes da Costa !

Lavre um tento, doutor, lavre um tento.
Tem direito, ninguem lh'o contesta:
O senhor é um homem portento,
Delegado sem par — vá com esta.

Mais duas notas, apenas
Encontro em minha carteira,
Essas duas, curtas, breves:
Em S. Paulo, e ás centenas,
Notas falsas... pepineira !
Entre nós — mais duas grêves.

Não ha negar, do progresso
Vamos entrando na via,
E em balão, e pelos ares !
Abysmado estou, confessô ;
Somos cultos... quem diria ?
Já temos grêves aos pares !

São productos novos, finos,
D'essas casas de tecidos,
Da nossa industria o orgulho:
Tecem pannos superfinos,
Algodões, lençós, vestidos,
— Grêves, desordem, barulho !

Se isto não é signal de adiantamento,
Se progresso não é,
O diabo leve o meu contentamento
E me abandone a fé.

Não. Por taes grêves não me vem o panico,
Nem fico jururú:
Bravos á grêve do Jardim Botânico
E á outra do Bangù !

F. MENDES.

PELA IMPRENSA

Um telegramma de Maceió para a *Noticia*, dá ao publico uma triste nova : suspendeu a sua publicação o *Correio Mercantil*, d'aquelle cidade, por falta de garantias.

O processo barbosalimico, posto em practica em varias cidades do Estado de S. Paulo e do Rio Grande do Sul, vai sendo applicado com vantagem em outros pontos da União. Quer isto dizer que a apregoada liberdade de pensamento recebe em pleno regimen republicano a consagração feliz do modo porque a entende o illustre senador pelo Ceará, o Sr. João Féria.

E occorre lembrar que tal communi-

cação telegraphica coincidiu com a data anniversaria do apedrejamento da *República*, d'esta capital, nos tempos ditos nefastos da monarchia ; — e o que equivale dizer que c'était pas la peine assurément como se diz na operetta.

Estas perseguições á imprensa, que aliás tem contra os seus desmandos o correctivo da propria lei, revelam bem claro o proposito firme em que se acham os regulos de aldeia de se imporem pela força e pelo arbitrio, desmoralizando o regimen que todos desejamos ver solidificado e respeitado, ao preço da estabilidade d'elles nas posições que galgaram contra o voto do povo, como detentores criminosos que são de um poder que lhes não compete.

Ao que parece, dizer d'estas cousas, é o mesmo que clamar no deserto. O lema dos senhores da situação é crê ou morre.

Mas em todo caso, acceitamos o conselho, implicito na epigraphe do nosso collega *O Apostolo* :

Clama, itaque clama, ne cesses.

Clamaremos — em quanto nol-o permitirem.

* *

N'esta capital, federal e werneckica, encetou a sua publicação o *Jornal da Tarde*, que em seu artigo de apresentação diz ser neutro e vir preencher uma lacuna: dizer a verdade, custe o que custar.

Não sabíamos de tal lacuna, confessamol-o com toda a immodestia, porque o *D. Quixote*, sem programma nem prospecto, suppôe ter feito isso desde que veiu a lume. Isso, porém, não impede que saudemos o collega, que vem ser compâneiro n'esta faina dura e despremiada.

M. S.

A BRUXA

Como sempre, saltitante e graciosa, veiu visitar-nos a Bruxa, a portadora do bello espírito fantasioso e fino de Olavo Bilac e Julião Machado.

On. 4, que temos á vista, é mais uma victoria do lapis d'este grande artista, já nas *bruxarias do mez*, que ocupam a pagina central, já nas outras duas, onde se reflecte mais um vivo brilho do seu rutilante talento.

Bilac, o eminent chronista, é acolytado por Coelho Netto e Luiz Murat: que mais accrescentar para deixar evidente que o texto é *thebas* ?

Mais nada, está bem visto.

RABISCOS

Tenho embrulhado em meu intellecto tres casos que por uma obcessão alli se confundem e que entretanto á primeira vista parecem não poder ter entre si nenhuma connexão : o *Lombardia*, o dr. Erico Coelho e o cambio a 8.

Em verdade o facto é singular e merecedor de acurado estudo e reflexão. Porque motivo a lamentavel desgraça que feriu de morte o convez do bello cruzador italiano, casa-se em meu espírito com a singularidade irrequieta do dr. Erico e com a baixa extrema da taxa cambial?

X

Ah ! já sei. E' que, quando coincide a depressão do cambio, com a catastrophe do *Lombardia*, cuja tripulação tem sido inexoravelmente dizimada pela epidemia, não pôde deixar de surgir a figura extraordinária do deputado fluminense, que em hora de arremetimento jacobino-nativista desejo em plena camara, para a felicidade completa do Brasil — o cambio

a zero e o extermínio de todos os estrangeiros pela sua aliada, a febre amarela.

O illustre orador e abalizado parteiro deve estar radiante: o drama tetrico que ha longos dias se desenrola a bordo do navio italiano convertido em matadouro, naturalmente lhe irá bem á alma.

O cambio a 8, com tendencias a baixar ao algarismo dos seus sonhos, e que tanto atterra a toda a população, certamente tel-o-ha feito dar pulos de alegria e contentamento... S. Ex. está assistindo á realização dos seus mais ardentes desejos, patrióticos, humanitários, altruísticos.

Agora só lhe falta, para a suprema ventura sua, para sua completa felicidade — que seja convertido em lei o divórcio.



A terrível desgraça que baixou inclemente sobre o *Lombardia* tem causado — Dr. Erico à parte — a mais funda impressão de dô a todos quantos d'ella tem tido notícia.

Evidentemente é para lastimar a hecatombe feita n'aquelle vaso de guerra pela febre amarela, a insaciável e cruel inimiga dos nossos hospedes e ainda mais cruel inimiga do Brasil e dos seus creditos.

Entretanto parece que é permitido n'este caso afirmar que um pouco de incuria auxiliou grandemente a ação perniciosa e crescentemente devastadora do terrível morbo.

E' lícito dizer que providencias imediatas e energicas medidas não foram tomadas logo que irrompeu a bordo a molestia; pois o que convinha em tal caso, — dizem os homens da sciencia, não eu, que sou leigo — era retirar d'alli toda a tripulação, alojal-a em adequadão estabelecimento e, livre o navio, submettel-o a uma rigorosa desinfecção, desde a ultima taboa do porão até a extremidade do mais alto mastro, seguindo as regras traçadas pela prophylaxia moderna.

Nada se fez. O navio, convertido em fôco de infecção, tornou-se um laboratorio da morte, bem montado e perfeitamente provido de material, combustivel e apparelhos.

E o resultado foi o que se viu: esse drama lugubre a que sensibilizados assistimos todos nós — os que não vemos os pôlos da nossa felicidade no cambio a zero e na guerra ao estranheiro.



Outro acontecimento lutooso, este já herança da semana transacta mas só agora perfeitamente elucidado, foi o do aparecimento do cadaver do medico da marinha, Dr. Symphronio Alvares Coelho.

Verificou-se que a morte fôra devida a acidente, e não a um facto criminoso como se supuzera a principio.

Ah! nem era possível, nem admissivel esta ultima hypothese! Tão bom, tão meigo, tão communicativo, tendo um abraço para cada conhecido, um sorriso bondoso, um repente ri-mado e lisongeiro para cada amigo, — quem, teria a coragem de fazer mal ao bom e adoravel velho Symphronio?

Morreu assim, inesperadamente e n'um accidente, levando no bolso as ultimas estrophes que compuzera, e no espirito o compromisso de escrever umas outras que o estro lhe inspiraria para offerecer a outro amigo... Pobre Dr. Symphronio! Morreu, como viveu: nas brancas illusões em que mergulhara a sua existencia de poeta repentina, e deixando-nos consternados por vêr desaparecida aquella figura tão boa e carinhosa, tão alegre e tão sá.

LEO.

PAVIMENTO SANITARIO

O seu nome é Pavimento Sanitario Fluminense, mas para caber na linha amputâmos-lhe o segundo qualificativo — com o que alias em nada desfiguramos o invento do activo Sr. Dr. Simão da Costa.

Convidados por este cavalheiro fomos, com outros collegas de imprensa e mais convidados, assistir á experiência do seu sistema de calçamento, assentado no primeiro trecho da rua de S. Pedro. As provas a que foi submetido resistiu perfeitamente o Pavimento Sanitario Fluminense: tropa a cavalo e a galope, carroças

com o peso de 3.500 kilos, e a ausencia do Sr. Dr. Prefeito Municipal.

Sim. Esta ausencia tambem foi uma prova, e dura de roer. O illustre funcionario, não tendo comparecido, provavelmente porque a essa hora a outro sitio o chamavam os interesses politicos do Triangulo de que S. Ex. é digno prefeito, como que diminuia a importancia da experienca, que no entanto entendia com altos interesses da hygiene e bem estar dos moradores da Capital Federal, e igualmente com o embellecimento da mesma capital.

Pois tambem d'essa prova sahiu victorioso o Pavimento Sanitario Fluminense, recebendo os aplausos de todos os que alli verificaram que a adopção de tal melhoramento nas ruas d'esta cidade realizaria o escopo contido no emblema do menino do Passeio Publico — *utile dulci*, sem embargo de o não ter visto o Sr. Werneck, manipulador da politicagem triangular e federal.

A impressão dos que assistiram á experienca foi a melhor, e o Sr. Simão da Costa foi muito cumprimentado, e muito merecidamente.

Apenas no dia seguinte um jornal disse que o novo calçamento parecendo offerecer todas as garantias de solidez e duração «mostrou-se resentir um pouco do peso das carroças...»

E' possivel que o pavimento, muito á pureza e particularmente, manifestasse tal ressentimento ao noticiarista em questão; pois quanto a nós, francamente, não o ouvimos manifestar tal queixa, antes pareceu-nos firme e prompto a supportar peso dobrado. O que é innegavel é que trata-se de um melhoramento, que por isso mesmo não será adoptado, para bem da hygiene e do aceio das ruas d'esta cidade — tão suja e tão insalubre.

TIL.

THEATROS

Ora eis ahí está: tanto vosmecês gritaram, tanto gemeram, tanto lacrimaram sobre a decadencia da arte dramatica nacional, que a Sra. Ismenia de parceria com o Sr. Dias Braga tiveram pena de tão gembundos suspiros, e resolveram dar-lhes em um dia o *Bendigo* e no outro o *Filho de Coraia*, alternando assim o profano com o sagrado, e no mesmo palco — para o agrado e satisfação dos gregos e troyanos.

A idéa foi magnifica, a julgar das noticias laudatorias de toda a nossa imprensa, empenhada como está na rehabilitação do nosso theatro. Agora, se ella — a idéa — teve igual consagração e aplauso, por parte do bilheteiro do Variedades, isso é o que eu não sei...

Sei, porém, que na primeira da *Coralia* a casa não estava cheia; na segunda, andou por meia casa, e na terceira — foi preciso mudar a cabeceira ao doente. Isto é, tornou-se necessário substituir no cartaz aquella peça pela *Martyr*, do D'Ennery, — e o que me faz crer que a restauração do theatro, no Rio de Janeiro, é tão difícil e problematica como a restauração da monarquia no Brazil.

O desempenho do *Filho de Coralia* foi o melhor que se podia esperar, dadas as condições em que se acha organisada a companhia Dias Braga & Ismenia, em que se encontram elementos evidentemente bons, aliados a outros flagrantemente maus: tem os altos e baixos do costume. Ainda assim, como estes foram em menor numero — porque ali predomina o elemento bom — o balanço da representação accusou um saldo em favor da empreza, companhia, associação ou o que lá é. (Saldo, moral e artistico, já se vê.)

A actriz Ismenia tem n'aquelle drama um dos seus melhores papeis. Sente-se que ella o representa com paixão e alto in-

teresse, imprimindo-lhe verdadeiro cunho artistico e traduzindo com perfeição o typo da peccadora que deseja vêr-se reabilitada, e felicitado o seu filho.

Ferreira, um artista de talento e pão para toda obra no theatro, disse a parte de Daniel do modo porque era de esperar: com a animação e fogo que requer esse difficult papel, tornando-se notável nas scenas violentas. Que pena que lhe falte um quê de distinção no porte, e de elegância no vestir! Se não fôra isso, poderia elle ser considerado um completo galã, e o primeiro dos nossos palcos.

Aos outros artistas pode-se sem offensa aplicar a conhecida e já rustida chapa dos noticiarios: «concorreram para o bom exito da representação.»

Não foi inferior o successo da *Martyr*, outro drama em que a Sra. Ismenia tem um papel que está perfeitamente em suas cordas.

O publico, porém, continuou arisco, e a razão é obvia: elle já está farto de *Coralias* e *Martyres*; deem-lhe novidades, que o atraiam e subjuguem — e elle não poderá fugir com o corpo.

Surgiu de novo no firmamento da arte a primeira actriz de operetta — dizem os cartazes —, a Sra. Pepa dos 18, e como sempre no seu ineffável e indefectivel *Tim-Tim*.

Ao que parece, essa famosa revista dos acontecimentos... de 1831, e de Portugal, tem feitiço consigo, de modo que perpetua-se indefinidamente no cartaz.

Ora será que a Sra. Pepa está disposta a concorrer por sua parte para a rehabilitação do nosso theatro, despindo-se todas as noites uma porção de vezes em scena? Tudo é possivel.

E por falta de tempo, espaço e boa disposição, fica para o proximo numero a continuaçao da resposta á pergunta que me não dirigi o illustre escriptor das *Artes e Manhas*.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

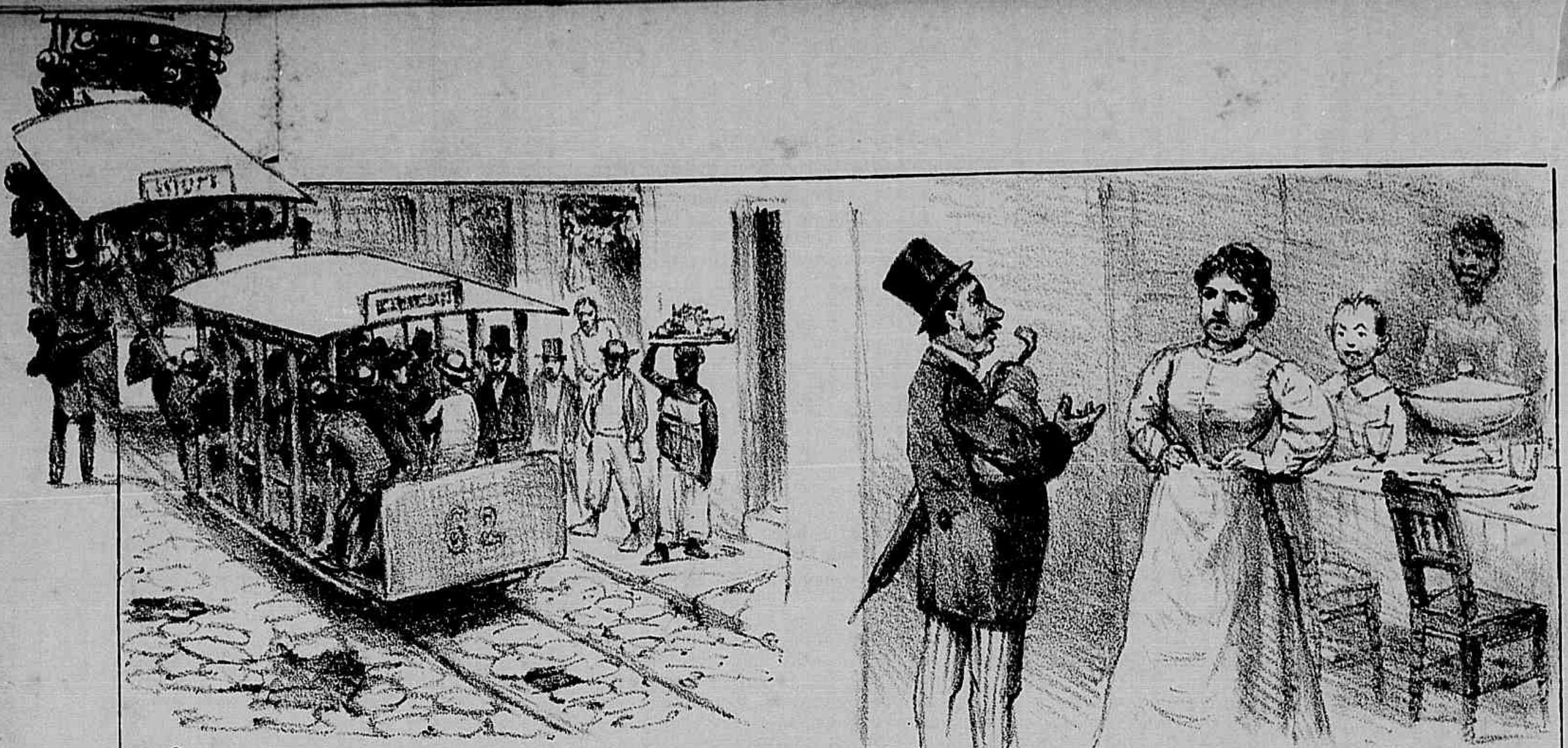
APONTAMENTOS para a historia da Sociedade Portugueza de Beneficencia, mandados colligir pelo commandador Antonio Gomes de Avellar, director-secretario d'aquelle sociedade. Esse trabalho, devido á elegante pena do Sr. Carlos Dias, historia a vida da Beneficencia Portugueza, a benemerita associação, desde 1840 ate 1895.

REVISTA da commissão technica militar consultiva; ns. 6 e 7 do 4º anno, correspondentes a Novembro e Dezembro do anno findo.

Razão porque..., brochura publicada pelo Sr. Julio Pernetta, em Curityba, explicando os motivos pelos quaes deixou a redacção litteraria e noticiosa da *República*, d'aquelle capital.

LA VALSE DE UNA CHATE. 6º valsa Boston, de H. D. Ramenti, editada pela casa I. Bevilacqua & Comp.; PEQUETITA, schottisch de Aurelio Cavalcanti, offerecida a senorita Dulce Haddock Lobo, e de que foram editores os Srs. André A. da Costa & Comp.; MADRILENA, valsa hespanhola de Aurelio Cavalcanti, edição da casa Vieira Machado & Comp.; SULTANA, schottisch de Ferreira Torres, MORAESINA, valsa de Maria Brito, ambas editadas pela casa Buschmann & Guimaraes; FACEIRA, schottisch de Oscar Carneiro, publicada pela casa Vieira Machado & Comp.; VIENTI, VIENTI, barcarola de Fausto Zosne, impressa nas officinas Buschmann & Guimaraes.

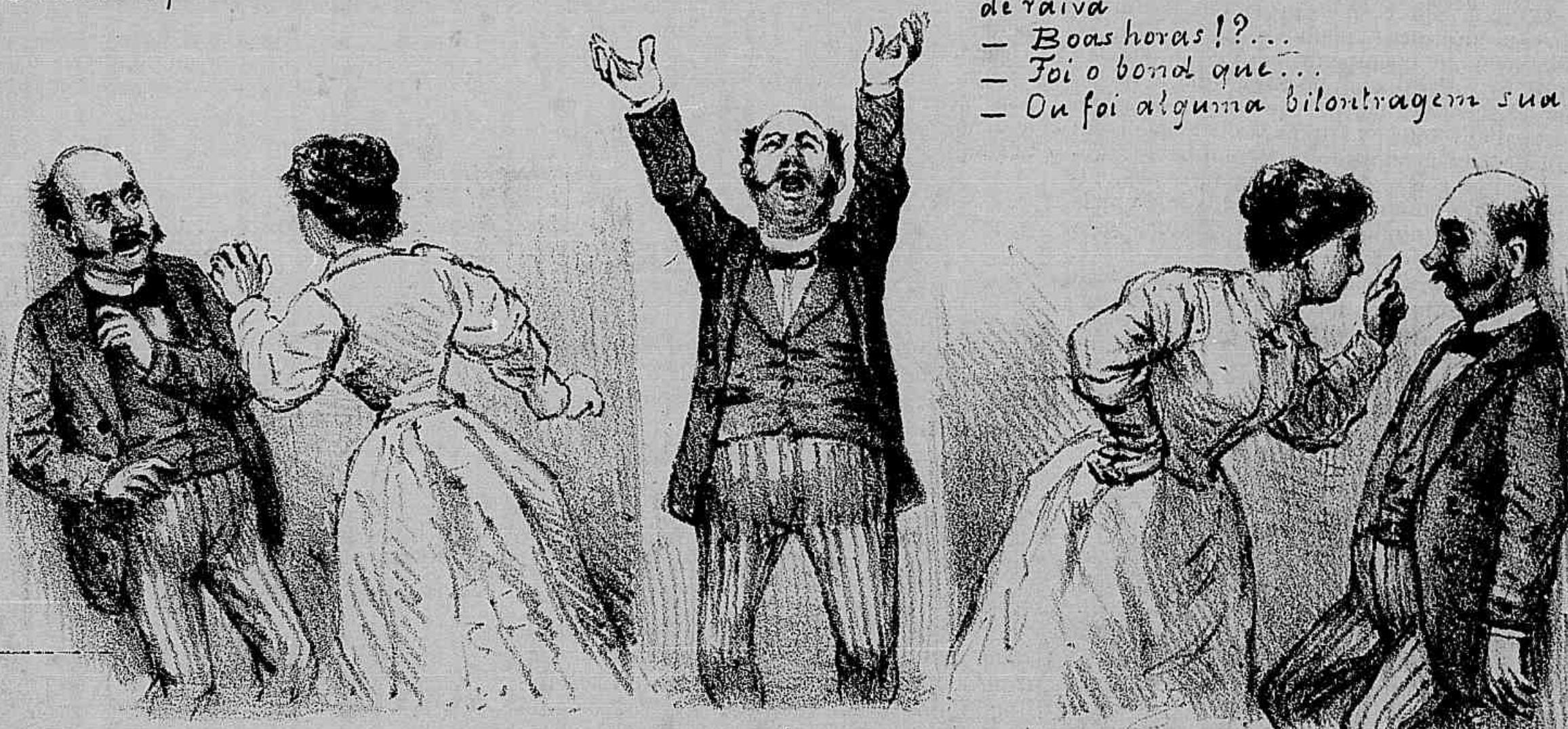
Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL



O público continuará a ter paciencia
e a aturar todas estas bellezas fluminenses
e municipaes.

E chegando em casa, encontrará o
jantar frio e a mulher fervendo...
de raiva

— Boas horas! ?...
— Foi o bonde que...
— Ou foi alguma bilontragem sua! ?



Segue-se a inevitável scena de
ciúme, com acompanhamento
de grossa descompostura.

— Mas que culpa tenho eu,
Santo Deus, que os bondes
não andem e que as ruas es-
tejam esburacadas!

— Tens sim, idiota! Porque
quando fôr occasião das eleições
continuarás a votar na mesma
gente ou em outros ainda piores.



— Senhora! Em matéria politica eu
sei o que faço; sirvo os amigos
— Espere um pouco; vou mostrar-lhe
o que é politica!

— Tome! Veja! Leia! Cheire!
São contas para pagar e seis
mezes de aluguel da casa ven-
cidos. Ahi está a tua politica!
Pegar no chapéu e
por-se ao fresco foi
obra de um instante!
— Estas mulheres não
entendem de politica e
só servem para amolar a gente!